

SEGUNDO CONGRESSO MUNDIAL DOS MOVIMENTOS ECLESIAIS E NOVAS COMUNIDADES

A beleza e a alegria de ser cristãos na educação dos jovens do mundo contemporâneo¹

Luis Fernando Figari
Fundador do Movimento de Vida Cristã

1. Introdução

Gostaria de começar cumprimentando cordialmente a todos os presentes, particularmente as autoridades do Dicastério.

Aderir-se ao Senhor Jesus, viver a fé, deixar-se tocar pelo esplendor da Revelação e por sua beleza como apropriação existencial da Verdade, é hoje ocasião de maiores ou menores conflitos com o ambiente e às vezes inclusive no seio da própria família. A cultura de morte parece quase ofender-se porque sua opção de cultura profana não logra desterrar totalmente a Deus e a liberdade de seguir seu divino Plano do mundo que está construindo.

Mas os desafios à vida cristã não são somente externos. Existe uma estendida inconsistência na fé de muitos que repercute debilitando sua credibilidade para a juventude. Além disso, os próprios problemas de identidade cristã e eclesial no seio do Povo de Deus constituem um anti-testemunho ativo e doloroso, cujos efeitos são devastadores pelas características de ressonância e globalidade da cultura moderna. A isto se soma um fenômeno que não é novo, mas cujos efeitos são: *os filhos deste mundo são mais astutos que os filhos da luz²*. Por isso, precisamente, o Senhor convida os seus seguidores a despertar do letargo, a «ser astutos»³. Hoje constatamos uma grave inconsciência que se mostra na ignorância da própria história, das expressões da vida e do pensamento cristão, em especial dos últimos três ou quatro séculos, o que contribui com a difusão de um mito do “progresso” de viso iluminista que porta uma dinâmica de debilitamento da fé que afeta a muitos, particularmente os mais jovens.

¹ Título baseado no tema indicado pelo Pontifício Conselho para os Leigos, promotor e realizador do Segundo Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades, realizado em Rocca di Papa (Itália), 31 de maio a 2 de junho de 2006.

² Ver Lc 16,8; S.S. Beato Pio IX, *Apostolicae nostrae caritatis*, 1/8/1854, 1; ver também San Eugenio de Mazenod, OMI, *Información*, n. 439, enero 2005.

³ Ver Mt 10,16.

Estas situações devem ser levadas em conta para que ao falar de educação na fé da juventude não fiquemos em abstrações e bons propósitos. Precisamente, o Papa Bento XVI diagnostica que os jovens «se sentem facilmente atraídos por outras coisas, por um estilo de vida bastante longe das nossas convicções»⁴. Por isso, frente ao espetáculo de um mundo que fecha os ouvidos ao anúncio da fé, o Santo Padre dizia não faz muito tempo: «Vós tendes a tarefa de propor novamente, com a competência que vos é própria, a beleza, a bondade e a verdade do Rosto de Cristo, em que cada homem é chamado a reconhecer os seus traços mais autênticos e originais, o modelo que deve ser imitado cada vez melhor. Portanto, esta é a vossa árdua tarefa, a vossa missão sublime: indicar Cristo ao homem contemporâneo, apresentando-o como a verdadeira medida da maturidade e da plenitude humana»⁵. Eis aqui uma preciosa chave que dá o Papa Bento XVI para a educação na fé dos jovens: apresentar o Senhor Jesus como aquele que ilumina sua realidade pessoal, suas perguntas mais inquietantes, seu horizonte, sua realização, como a chave definitiva para compreender o sentido da vida, o caminho para alcançar a plena realização pessoal e a sua plenitude no encontro definitivo com Deus⁶.

2. Pressupostos

Sabe-se que todo processo educativo pressupõe uma idéia do que é o ser humano; ainda mais a formação religiosa. «O sujeito da educação cristã é o homem, o homem todo»⁷, dizia claramente o Papa Pio XI. E com o realismo próprio da aproximação cristã, lembrava que se tratava do homem caído, com a semelhança “ferida” e a falta de equilíbrio em suas tendências, ainda que resgatado pelo Senhor Jesus, que lhe oferece o caminho da reconciliação.

Para nos aproximarmos do homem completo e não de visões mutiladas, devemos ter presente que fomos criados à «imagem e semelhança»⁸ de Deus, que levamos sua marca no íntimo de nosso ser e que precisamente o Verbo Eterno assumiu a natureza humana no ventre Imaculado de Maria para nos redimir, para nos mostrar nossa identidade e dar sentido a nossas inquietudes mais íntimas, impelindo-nos pelo caminho da realização pessoal rumo ao horizonte de encontro pleno no Amor.

As metas do processo formativo na fé foram formuladas notavelmente na declaração *Gravissimum educationis* do Concílio Vaticano II⁹. Nela se diz que

⁴ S.S. Bento XVI, *Aos sacerdotes da diocese de Aosta*, 25/7/2005.

⁵ S.S. Bento XVI, *Aos membros das Academias Pontifícias*, 5/11/2005.

⁶ Ver S.S. Juan Pablo II, *Ecclesia in America*, 10.

⁷ S.S. Pio IX, *Divinis illius Magistri*, 34.

⁸ Gén 1,26.

⁹ Ver *Gravissimum educationis*, 2.

se bem se procura, como é lógico em uma perspectiva cristã, a maturidade que leva a pessoa à sua realização, se busca principalmente fazer com que aquele que recebeu o Batismo se torne *mais consciente* da fé recebida, sendo introduzido no *conhecimento* dos conteúdos do mistério da reconciliação, *aprenda a adorar* a Deus, particularmente na liturgia; e se *forme* para «levar a própria vida segundo o homem novo em justiça e santidade de verdade»¹⁰, orientando-se a alcançar a estatura do homem perfeito, o supremo *hagionormo*. Deve-se aprofundar igualmente a própria vocação, dando testemunho da esperança¹¹, contribuindo com o crescimento da Igreja, e com a «*conformação cristã do mundo*»¹².

Aproximando-nos ao tema da perspectiva da fé da Igreja e do homem completo, será necessário conhecer o mistério da salvação e seus alcances na personalização do ser humano (*fé na mente*), pois «a verdade é a alma da beleza»¹³; será necessário adorar a Deus, aderir vitalmente e deixar-se configurar com o Senhor Jesus (*fé no coração*); viver a vida cristã, dar testemunho da esperança e ajudar a transformação da sociedade e a cultura segundo o divino Plano (*fé na ação*).

3. A Fé na mente

A *fé na mente* corresponde ao espírito do sujeito que conhece. Sobre o aspecto intelectual, não num sentido frio, mas sim vital: «conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres»¹⁴ e «por eles, a mim mesmo me santifico, para que sejam santificados na verdade»¹⁵. Estas sentenças do Senhor mostram um horizonte de apreensão da verdade que atinge, muito além de um cerebralismo, a dimensão existencial do ser humano, o que resulta especialmente atrativo para o jovem.

O aspecto categorial da fé não é eludível. Mais ainda, «a verdade é a alma da beleza»¹⁶. A categoria de “encontro” ou a própria perspectiva de “beleza”, apesar de seu alto valor, não a substituem. A Igreja sempre defendeu a importância da formação intelectual, especialmente no campo da fé. Um dos graves males do nosso tempo é relegar da doutrina da fé, e, à raiz disso, uma compreensão inadequada da fé facilita sua dissolução ao chocar com o secularismo agressivo ou tantas das outras ameaças à fé que se dão no mundo de

¹⁰ Lug. cit.

¹¹ Ver *IPd* 3,15.

¹² *Gravissimum educationis*, lug. cit.

¹³ Romano Guardini, *El espíritu de la liturgia*,. Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona 1999, p. 80.

¹⁴ *Jo* 8,32.

¹⁵ *Jo* 17,19.

¹⁶ Romano Guardini, *El espíritu de la liturgia*, Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona 1999, p. 80.

hoje. Pareceria que a *political correctness* do mundo norte-americano atinge a muitos e “soa” desagradável insistir na adesão à verdade. Mas a pessoa, e o jovem em particular, são buscadores da verdade¹⁷. Seja como for, uma fé mal conhecida será uma fé mal vivida, a prática moral não será coerente, e o culto será inexistente ou epidérmico, como constatamos constantemente hoje em dia, e certamente não só, nem principalmente, na juventude.

No entanto, apesar de sua transcendência, há pessoas que não consideram importante a fé na mente. Assim, podemos verificar como em muitos campos de formação católicos a formação religiosa é abandonada ou substituída por procedimentos subjetivistas, em muitos casos com um caráter marcadamente emotivo ou sentimental, como se a fé fosse um assunto sem importância sobre a qual cada um pode opinar o que quer, segundo o próprio capricho.

Por trás destes erros de perspectiva podemos encontrar um ativismo ou reducionismo, ou talvez a ausência de capacidade ou de conhecimento, ou a perda efetiva da fé e sua substituição por sucedâneos “impactantes” ou por noções sociológicas ou antropológicas de moda.

A partir do esplendor da verdade de Deus descobrem-se os autênticos dinamismos íntimos, assim como os valores e chaves decodificadores que orientam e dão sentido à atividade humana e, mais ainda, aos interrogantes próprios do jovem.

A orientação que deve ser seguida neste campo é a de proporcionar conhecimentos adequados para satisfazer o impulso de busca do jovem, o que corresponde ao primeiro dos atos de da prudência — *consiliari* — isto é, consultar ou encontrar. Desse modo o jovem está em condições de analisar à luz da reta razão, julgando se o que descobre é apto para o fim, o que é o segundo passo da prudência — *iudicare*. E se sua consciência assim informada aceita o que descobriu fazendo seus esses conhecimentos, fica mais bem capacitado para interpretar de maneira cristã sua relação com Deus, consigo mesmo, com os demais e com a natureza. Neste processo deve-se colaborar com o formando para que aprenda a pensar criticamente e a desenvolver uma perspectiva integral do saber humano. Deve ser introduzido ao mesmo tempo em sólidos conhecimentos catequéticos, assim como de antropologia e psicologia cristãs, de maneira a evitar uma tensão entre o desenvolvimento mental e sua maturidade por um lado, e o conteúdo e a projeção da fé por outro.

Durante todo o processo da formação cristã, deve-se utilizar uma pedagogia apelante de modo que se possa captar e manter o interesse do educando. Isto não é questão de artifício, mas sim de aprofundar a verdade, de se deixar

¹⁷ Ver *Ecle* 1,13; S.S. João Paulo II, *Fides et ratio*, 21.

iluminar por seu esplendor e destacar do rico depósito da fé aqueles acentos que respondam a um processo orgânico orientado aos educandos, atendendo sua realidade determinada¹⁸.

4. Fé no coração

A *fé no coração* corresponde ao campo dos sentimentos e da vontade. A fé não fica só em seu aspecto objetivo conceitual: seu dinamismo busca irradiar a pessoa inteira. Pela via da experiência vai mais além da expansão da Verdade, até experimentar-se como dom que em quanto expandido suscita movimentos afetivos e inclusive aparece como *pulchrum fidei*.

Se bem é verdade que a vida cristã é muito mais que meros sentimentos, a manifestação voluntária do ato de fé não se produz somente pela motivação intelectual, mas também pela influência afetiva. Assim, o aspecto afetivo e psicológico se manifesta como básico e imprescindível.

É de suma importância conceber a aproximação a esta dimensão na perspectiva de um compartilhar a partir da própria experiência de fé e de encontro com o Senhor Jesus, anunciando-o em primeira pessoa como quem se encontrou com Ele¹⁹ e manifesta uma adesão afetiva. O caminho ideal para isto é indicado por Cristo do alto da Cruz: «Eis aí a tua mãe»²⁰. Abre-se assim o caminho do amor filial à Mãe, mulher da fé, conduzindo ao Imaculado Coração, plenificado ao bater do Sacratíssimo Coração, a Quem conduz em uma experiência apaixonante e belíssima de amorosa fé e encontro com Jesus na intimidade.

Com tal aproximação não só se viverá a dimensão testemunhal com o ardor de viver o crescimento da fé com toda sua beleza, alegria e entusiasmo, mas também com o magno assombro, que nunca cessa, de que ao educar na fé a pessoa vai sendo educada.

Igualmente é necessário considerar que a educação neste campo se centra também na transformação dos hábitos ou virtudes morais, ordenando a pessoa para o bem que a aperfeiçoa como ser humano. Se a vontade com frequência claudica, é porque é arrastada pelas rupturas e por decodificações erradas do que constitui o bem, sucumbindo aos sucedâneos, confundindo o ideal da beleza, como expressão de harmonia e ordem no bem e na verdade, com o próprio gosto ou desgosto, regido pelo mero subjetivismo ou capricho. A maestria ou exercício das virtudes ajuda a encaminhar a vontade em direção ao

¹⁸ Ver *Medellin*, V, 14a e VII, 13b.

¹⁹ Ver S.S. João Paulo II, *Homilia na Catedral de Santo Domingo durante a Missa para o clero, religiosos e seminaristas*, 26/1/1979, 2.

²⁰ *Jo* 19,27.

bem objetivo e afastá-la da desordem.

Em tudo, é indispensável levar em conta que o cristianismo é a religião personalizante. Funda-se na relação da pessoa do sujeito com Deus, Uno e Trino. Esta relação “*eu-Tu*” tem que ser detectada não só no campo intelectual, mas também, e muito especialmente, no campo vital.

5. Fé na ação

A *fé na ação* é a projeção, mediante a expressão na vida cotidiana e no testemunho, da *fé na mente* e *no coração*. É mister indicar que a fé na ação no aspecto educativo consiste não só em promover o atuar, mas também fundamentalmente na criação de hábitos de reta ação e seu ulterior emprego no obrar, respondendo ao Plano de Deus para a realização do ser humano em si mesmo e em relação com os demais.

Neste campo é fundamental referir-se à liturgia, já que esta, bem conduzida e entendida, produz um impacto altamente positivo nas áreas cognoscitiva e afetiva, ao mesmo tempo em que constitui sustento e é expressão da vida cristã, que dela nasce e a ela conduz²¹.

Igualmente, é necessário recordar o sentido *funcional diaconico* que tem o cristão. A vida é serviço²². Este sentido diaconal deve ser ressaltado e aplicado através da transmissão da Boa Nova e a transformação do mundo segundo o divino Plano.

Todo o esforço da educação da fé busca cooperar com o dom de Deus à pessoa que se beneficia do processo educativo, tendo como objeto acompanhá-la em seu caminhar de fé. Neste sentido, deve expressar uma reverência por um processo maior, onde a educação é só um dos fatores e certamente não o principal, pelo que o respeito real e efetivo à liberdade deve ser uma de suas características, assim como a não-imposição de uma maneira de ser ou fazer, e o comunicar o entusiasmo pela adesão ao Senhor Jesus e o que esta significa na realização integral da pessoa, que inclui a dimensão comunitária. A tarefa da ativa participação na missão da Igreja, contribuindo assim com o Reino, é a meta unificadora que dá sentido às boas obras, pessoais e sociais.

Conclusão

Sucintamente procuramos expressar algumas idéias sobre a educação dos jovens

²¹ Ver *Sacrosanctum concilium*, 10.

²² Ver *Gál* 5,13; *Mt* 20,28; *Mc* 10,45; *Lc* 1,38.

na fé como resposta a suas necessidades mais profundas, a suas preocupações diárias, a seus dilemas existenciais e a seus horizontes, partindo da luz da verdade, a bondade e a beleza que Jesus desperta em quantos aprendem a responder ao seu chamado e se abrem ao dinamismo de seu amor e reconciliação.